

# ***Tem boi na foto: investigação sociológica sobre a identidade das festividades do boi em Campos dos Goytacazes***

*There's an ox in the photograph: sociologic investigation about "Festividades do Boi's" identity in Campos dos Goytacazes*

Elaine de Oliveira Silva\*

O presente trabalho aborda uma análise sobre a construção da imagem das comunidades que participam das festividades do boi, sob a ótica sociológica do processo de reconhecimento e afirmação da identidade das mesmas, uma vez que os valores estéticos representam a forma perceptiva da reprodução da auto-estima social dos grupos e do retrato de seus valores e história. Levando em consideração sua produção estética espontânea, procuramos caracterizar os simbolismos e representações presentes nessas manifestações e sua contextualização com o momento histórico que está sendo vivido por essas comunidades, mostrando como as mesmas se auto-representam.

*This text is sociologically structured on the idea that the image construction of communities engaged in the "Festividades do Boi" helps to make their recognizing and identity affirmation processes stronger, once the esthetic values represent the way how the social self-confidence reproduction of these groups is noticed and so is their values and history portrait. We tried to characterize the symbols and representations of these parties and the link they have with the communities historical moment, trying to show that they esthetically represent and recognize themselves through time, using photographs shot by themselves or other ones, like newspapers.*

*Palavras-chave: Cultura visual. Cultura popular. Identidade.*

*Key words: Visual culture. Popular culture. Identity.*

## ***Introdução***

O presente trabalho se estrutura, sociologicamente, na relação que se estabelece entre o uso de imagens e a construção das identidades, mais especificadamente, neste caso, as identidades locais, ligadas às Festividades de Boi, da cidade de Campos dos Goytacazes. Vários estudos e obras são publicados nesta área e, dentre eles, o de Hommi Bhabha (BHABHA, 2000, p. 75), que afirma que identidade é a forma de reconhecimento e afirmação sócio-cultural característica dos grupos nos espaços públicos e privados de sociabilidade; grande parte do embasamento desse conceito vem acompanhado da estética que adquire grande destaque na formulação e conceituação das identidades; a imagem na sociedade contemporânea torna-se um motivador não só de reconhecimento social, mas também de um reconhecimento estético da identidade.

\*Graduanda do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Este trabalho é resultado de pesquisa de Iniciação Científica, com o apoio financeiro do Programa de Bolsas de Iniciação Científica da referida universidade.

Nos estudos de identidades e estética, conseguimos abordar as manifestações populares; elementos do congo, da cavalhada, do maracatu, da folia de reis, dentre outros, podem ser questionados sobre o que as identifica no grande grupo das manifestações; o que as diferencia; o que faz com que elas se mantenham. Como entender determinada sociedade por meio delas e de seus movimentos estéticos? Questões como essas são respondidas quando a nossa forma de ver e de identificar as manifestações sociais, que se convertem em culturais, são demarcadas em espaço e tempo e são eleitas como representantes de uma sociedade.

Paulo Knauss, em artigo intitulado “O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual”, afirma que a imagem é presente nos vestígios mais antigos das sociedades humanas:

O mundo da Pré – História é conhecido pelas inscrições rupestres; o mundo da Antiguidade, pelas suas imagens inscritas em paredes ou em diferentes suportes como vasos. [...] Isso significa dizer que, diante dos usos públicos da História, a imagem é um componente de grande destaque [...]. (KNAUSS, 2006, p. 98).

E ainda:

Os modos de ver, primeiramente, podem ser demarcados num sentido sociológico geral, pois se trata de sublinhar que as convenções oculares permitem articular a dimensão visual das relações sociais. Há assim uma relação entre visão e contexto que precisa ser estabelecida. (KNAUSS, 2006, p. 99).

Esses questionamentos foram feitos sobre as Festividades de Boi, em Campos dos Goytacazes, levando em conta que, tais formações identitárias, reproduzem, de forma cada vez mais sistemática, seus sistemas simbólicos e suas afirmações sociais, culturais e econômicas com o fim de se afirmarem, socialmente, e de se tornarem visualmente reconhecidas. A análise da história dessas manifestações culturais e as implicações sociais das mesmas foram feitas analisando-se notícias e fotografias de jornais a partir do ano de 1888. Tomei essa data como ponto de início para a notificação de manifestações dos Bois Pintadinhos por ser uma data simbólica para os negros e, assim sendo, para a sociedade brasileira; foi o ano do fim do regime escravocrata, o que marcou o país como o último das Américas a acabar com esse regime institucionalmente, mas não significou, necessariamente, a inclusão do negro na sociedade, pois não foram tomadas medidas que procurassem incluir a população negra, ao contrário: logo depois da Abolição surgiram medidas que tencionavam controlar essa população. O fim da escravidão se deu no ano de 1888 e, em 1889, o regime político do país muda de Império para

República. A ideologia deste novo regime tinha o trabalho como valor maior para a construção na nova nação e ligado diretamente à moralidade. Ylana Carolina Marquez Nunes<sup>1</sup> afirma que:

O universo ideológico das elites dominantes encontrava-se dividido entre o mundo do trabalho de um lado e o do crime de outro. Segundo as classes dominantes o indivíduo que não trabalha e que se vê no mundo da ociosidade é um indivíduo que está condenado a cometer vários crimes, isto é, a vadiagem é vista como *um ato preparatório do crime, daí a necessidade de sua repressão*<sup>2</sup>. A partir disso, cria-se uma idéia de que o indivíduo que se encontra bem integrado na hierarquia social é sempre mais dedicado ao trabalho. Um aspecto interessante a se analisar é a relação estabelecida entre a ociosidade e a pobreza. Atribuía-se às classes pobres a tendência à ociosidade, como também a imagem de “classes perigosas”, pessoas cheias de vícios e menos moralizadas.

Recém libertos e não incluídos na sociedade, os negros acabaram por constituir, maciçamente, as classes pobres; esse fato acabou por estigmatizar os negros, como afirmam Flávio Gomes e Carlos Eduardo Moreira de Araújo, em Artigo Intitulado “A igualdade que não veio”. “Eliminava-se o escravo, mas inventava-se o negro/preto como uma marca social negativa. Libertava-se o trabalhador e instituía-se legalmente a idéia de “vadiagem” para controlá-lo.”<sup>3</sup> Partindo dessa estigmatização, levei em conta que as manifestações culturais negras reproduziriam o olhar degradante que a sociedade brasileira demandava para essa população. João Gilberto, na música “Pra que discutir com madame”, brinca com esse tipo de postura preconceituosa:

Madame diz que a raça não melhora  
Que a vida piora por causa do samba  
Madame diz que o samba tem pecado  
Que o samba coitado, devia acabar  
Madame diz que o samba tem cachaça  
Mistura de raça, mistura de cor  
Madame diz que o samba, democrata  
É música barata sem nenhum valor. [...]

Escolhi os jornais por estes funcionarem como espaço público midiático, que é parte ativa no processo de afirmação social da identidade das comunidades e pelo

<sup>1</sup>Retirado de [www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anas8/artigos/YlanaCarolinaMarquezNunes.pdf](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anas8/artigos/YlanaCarolinaMarquezNunes.pdf). Acesso em 25 set. de 2008.

<sup>2</sup>Grifo da autora do presente artigo.

<sup>3</sup>Disponível em: [http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/a\\_igualdade\\_que\\_nao\\_veio.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/a_igualdade_que_nao_veio.html). Acesso em: 15 out. 2008.

momento político e social que o país passa a viver, quando se tem o fim da escravidão e a Proclamação da República como promessas de criação de uma nova sociedade, diferente da estrutura fortemente hierárquica e exclusiva do Império. Os jornais, portanto, como espaço midiático, expõem às posturas ideológicas da sociedade em que elas são observadas e sua análise ajuda a responder a muitas perguntas, como as que tangem o momento em que essa manifestação cultural passou a ser reconhecida como parte da cultura de determinado lugar ou o contrário, seu não reconhecimento e exclusão dos mecanismos midiáticos.

### ***Quando tem Boi na foto: o nascimento das Festividades, seu papel na sociedade campista, sua dimensão imagética e sua transformação***

A natureza como base para a formação cultural dos povos foi esquecida e perdeu essa categoria, sendo vista, apenas, como objeto subjugado pelas culturas humanas, pois, erroneamente, entendemos que natureza e a sociedade existiram e existem independentes uma da outra; a ligação do Homem com elementos da natureza na constituição de cultura, nos remete ao Totemismo, que é definido por Durkheim em “As formas elementares da vida religiosa” como “a representação simbólica [...] geralmente um vegetal ou um animal, do qual determina o grupo social que se supõe ser descendente e que lhe serve ao mesmo tempo de emblema e de nome coletivo” (DURKHEIM, 1912, p. 38). A princípio, essa idéia pode nos parecer estranha, mas basta lembrarmos os mascotes dos clubes de futebol e como as torcidas, para exaltarem seu diferencial e pontos positivos, recorrem a eles. O Homem, portanto, se relaciona com os animais e plantas, culturalmente, em diversos povos em épocas variadas e essa relação não se rompe por completo (por mais que se acredite que sim).

Assiste-se, por todo o país, as Festividades de Boi, estritamente ligadas a um passado rural dos lugares que promovem estas festas, como o Boi Bumbá na região norte do país, Bumba meu Boi no Maranhão, Boi de reis no Espírito Santo, dentre tantos. Mas o boi não é exclusividade nacional, segundo Albelita Cardoso, em sua dissertação chamada “Vocabulário do Bumba-Meu-Boi do Maranhão: Abordagem Lexicográfica e Terminológica”, esse animal foi considerado sagrado em vários locais, como Grécia, Egito, Caldéia, Creta, Cartago; possui estátuas nos templos xintoístas; representa o frio na China; é oferecido em sacrifício na África do Norte. Orávio de Campos afirma que a figura do Muata Calombo, que é a caveira da cabeça do boi, exposta na entrada de fazendas, currais ou cercados é uma imagem típica do mundo rural e está ligada tanto à cultura africana quanto à cultura portuguesa. Segundo ele, “[...] a caveira de boi significa proteção contra maus olhados para espantar os espíritos ruins, ‘que sempre rondam lavouras e currais para introduzirem doença brava nas plantas e animais’” (CAMPOS, 2003, p. 71).

Beatriz Brusantini faz um estudo comparado dessas manifestações em Santa Catarina e Pernambuco, e afirma sobre as suas origens africanas e portuguesas que:

Em Pernambuco, o Bumba meu Boi tradicionalmente, segundo relatos de ex-moradores dos engenhos da zona da mata norte acontecia no final da moagem: era a pejada. Terminada a moagem, limpava-se a moita do engenho, retirando-se todo o olho de cana que ficasse. Durante toda a noite os trabalhadores se divertiam, havia farta distribuição de bolacha e aguardente. (*apud* PEDROSA, PETRONILO, 1977, p. 76).

Em Santa Catarina os folguedos relacionados ao Boi (farrá do Boi e Boi de Mamão) sempre foram vistos como uma forma de resistência cultural dos portugueses, portanto, dos brancos. [...] Certamente a cultura portuguesa, com seus carnavais, máscaras e bois teve sua importante participação na construção dos festejos do boi em Santa Catarina, todavia, não podemos descartar a influência na brincadeira da cultura africana, mais especificamente bantu e angolana. (*apud* PIAZZA, 1999, p. 36).

Sobre essa festividade em Pernambuco, a autora cita o relato de um padre, o Lopes da Gama que redigia o jornal *O Carapuceiro* e publicou nele, no ano de 1840, um artigo intitulado “A estultice do Bumba meu Boi”. Esse consta como o primeiro relato escrito dessa manifestação cultural no país.

De quantos recreios, folganças e desenfadados populares há neste nosso Pernambuco, eu não conheço um tão tolo, tão estúpido e destituído de graça, como o aliás bem conhecido Bumba-meu-Boi. Um negro metido debaixo de uma baeta é o boi; um capadócio enfiado pelo fundo dum panacu velho, chama-se o cavalo-marinho; outro, alapardo, sob lençóis, denomina-se burrinha; um menino com duas saias, uma da cintura para baixo, outra da cintura para cima, terminando para a cabeça com uma urupema, é o que se chama a caipora; há além disto outro capadócio que se chama o pai Mateus. O sujeito do cavalo marinho é o senhor do boi, da burrinha, da caipora e do Mateus. Todo o divertimento cifra-se em dono de toda esta súcia fazer dançar ao som de violas, pandeiros e de uma infernal berraria o tal bêbado Mateus. (BRUSANTINI, 2007, p. 5).

Antropologicamente, portanto, podemos justificar essa figura por duas portas diferentes, em que uma é a européia e outra a africana, numa ligação mística para esse boi; a cultura do Muata Calombo não seria, portanto, um ponto conflituoso na relação

entre os ibéricos e os africanos. A estética e personagens são baseados numa lenda do Brasil Colônia que diz que, era uma vez um precioso boi que um rico fazendeiro deu de presente a sua filha querida e o entregou aos cuidados de um vaqueiro (em algumas variações este é um escravo) de confiança, o Pai Francisco, representado como um negro. Pai Francisco, entretanto, mata o boi para satisfazer o desejo de sua mulher grávida, Mãe Catirina<sup>4</sup>, que queria comer a língua do boi. O fazendeiro percebe a falta do boi e manda investigar o ocorrido. O crime é descoberto e, depois de alguns percalços, chamam-se os índios (ou os escravos) para ajudar na captura de Pai Francisco. Trazido à presença do fazendeiro, ele é ameaçado de punição. Desesperado, ele tenta, e ao final consegue ressuscitar o boi, com o auxílio de personagens que variam: o médico (e/ou) o padre (e/ou) o pajé. O boi ressuscita e iniciam-se os festejos.

### ***O Boi – Pintadinho: fases e transformações***

Sobre a importância e a estética dessa festividade em Campos dos Goytacazes, podemos delinear três fases: a primeira refere-se a sua presença no ambiente rural, das fazendas e usinas de cana e é a fase que se apresenta sob a forma de tradição oral, que é o que a população mais exalta ao justificar o amor por essa manifestação. A segunda fase é quando surgem notícias e comentários nos jornais; é a fase do reconhecimento público como parte integrante da cultura campista. A terceira fase é a da transformação dessa tradição; é quando o Boi-Pintadinho vira Boi de Samba, ou apenas Boi Samba, e traz consigo um choque para os que se identificam com ele, pois para muitos é visto como moderno, que deixa para trás aquele passado de escravos e para outros, é uma espécie de degeneração do Boi-Pintadinho.

#### ***Primeira fase***

A história oral localiza o início dos folguedos de boi com os africanos e caboclos, mas a história dessa cultura no Brasil leva a crer que, como em outras regiões, esta festividade está ligada à cana de açúcar, tão presente na economia campista até hoje. Afirma a jornalista Michele Mayrink: “Nascido do folguedo dos africanos e caboclos, assumindo até mesmo um ritmo vindo do boi-bumbá maranhense, o Boi Pintadinho tem uma tradição muito forte no município de Campos.” (FOLHA DA MANHÃ, de 21 de fevereiro de 1998, Folha 2, capa).

As pessoas que entrevistei dão opiniões muito parecidas sobre o início dessas festividades; por praticidade, decidi reproduzir apenas três delas. A do senhor Dalvino

<sup>4</sup> Em Campos dos Goytacazes essas figuras são chamadas de Pai João e Mãe Maria, que acompanham o Boi no seu desfile, sendo que a figura feminina é interpretada por um homem. Ambos são tradicionalmente negros.

Costa, figura que encontrei numa visita à Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima e que participa dessas manifestações ajudando a vários grupos de bois, que me disse que: “Essas coisas de brincar com Boi é [sic] do tempo dos antigos. Dos escravos. É muito antigo, só que a gente sabe que é porque nossos avós contaram pra a gente.”

O senhor Sérgio Pessanha Viana, que é uma das figuras mais conhecidas no carnaval campista no que tange aos bois e responsável pelo Boi-Sapatão, tem a mesma opinião que senhor Dalvino: “É impossível afirmar quando começou essa brincadeira de Boi. A gente sabe que é uma tradição que nasceu com os escravos e que veio passando de pai para filho, até chegar aos nossos tempos”.

A senhora Lourdes Gonçalves dos Santos, que encontrei no Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes me disse que: “Não sei. Não dá pra saber por que muita coisa na vida agente não sabe por que faz. A gente montava o Boi e saía com ele na rua, porque era um divertimento que todos gostavam, trazia alegria e felicidade”.

É com as usinas de açúcar que o município tem prosperidade e destaque na economia nacional; esse mesmo autor afirma que a indústria açucareira começa em Campos dos Goytacazes no século XVII. Orávio lembra que:

A riquíssima atividade açucareira da segunda metade do século passado, formava, com relação ao crescimento da área central, um cinturão verde em torno da zona urbana do município. [...] As canas ocupavam praticamente todas as glebas até a divisa com a antiga posse de São João da Barra, hoje emancipada com o nome de São Francisco do Itabapoana; passando pelo Valão das Onças, marco divisório do município de Cardoso Moreira, estendendo-se a Bom Jesus, beirando o rio Itabapoana, que separa os estados fluminense e capixaba. (CAMPOS, 2003, p. 53).

Esses fatos vão ao encontro de fatos ocorridos na região Nordeste e seu ciclo da cana. Clássico da Sociologia nacional, Gilberto Freyre liga os animais à hierarquia analisada por ele na sociedade colonial brasileira, e acentua que:

O escravo vindo da África não encontrou aqui melhor companheiro do que o boi para seus dias mais tristes. Para os seus trabalhos mais penosos. Quando depois o boi associou-se também aos dias alegres do negro de engenho - os de dança, de cachaça, de festa - na figura do bumba meu boi - é natural que o negro tenha feito desse drama popular um meio de expressão de muita mágoa recalcada: a glorificação do boi, seu companheiro de trabalho, quase seu irmão. (*apud* BRUSANTIN, 2007, p. 8).

A economia da cana em Campos dos Goytacazes decaiu a partir da década de 1950, o que não ocorreu em outros estados, como São Paulo e Paraná, que investiram em tecnologia e o volume e qualidade da produção ultrapassou o da cidade de Campos dos Goytacazes. Sobre essa fase Orávio constata que:

A monocultura canavieira, todavia, com o passar dos anos começou a sofrer as mudanças do tempo e, principalmente, após a Segunda Guerra Mundial não tinha a mesma impetuosidade, passando a perder seus espaços preciosos para outros estados. Uma das maiores produtoras de álcool do país, até mais ou menos os anos 40, a cidade, sem nenhuma previsão para o futuro, começou a mergulhar na própria incapacidade. (CAMPOS, 2003, p. 55).

O único relato encontrado sobre essas manifestações no século XIX é apresentado no trabalho de Rangel Júnior sobre a musicalidade campista, e por sua vez deslegítima e vê como ponto negativo para Campos dos Goytacazes as manifestações de Boi, que são preferíveis à cultura lírica. Afirma o autor que:

Com muito gosto eram fruídos também, lá pela virada do século, os bailes, as 'kermesses' e as touradas. Isso é o que sabemos através dos jornais, que de certa maneira já falam endereçados a uma fatia (a letrada/alfabetizada) da população. É lógico e lícito supor que havia as manifestações populares mais autênticas acontecendo, fora dos olhos e dos interesses dos jornalizados cidadãos. (RANGEL JÚNIOR, 1992, p. 3).

Nesse mesmo trabalho de Rangel Junior é apresentada uma nota de um jornal de Campos dos Goytacazes de 17/12/1889 que trata essa manifestação de forma depreciativa:

Lamenta o Jornal de Campos em 17 de dezembro de 1889: 'Sentimos dizer que entre nós é apreciado de preferência o funambulo, o palhaço, o boi pintadinho e outras quejandas a uma companhia lyrica ou dramatica. Triste, mas verdadeiro'<sup>5</sup>. (RANGEL JÚNIOR, 1992, p. 3).

O cenário econômico agravou-se com a crise da década de 70, que desmontou o milagre econômico brasileiro. Com o surgimento das empreiteiras a situação dos usineiros tornou-se praticamente irreversível, pois deixou de ser necessária a residência

<sup>5</sup>Grifo da autora do presente artigo.

dos trabalhadores rurais no ambiente da fazenda, já que eram contratados apenas para o período de plantio e colheita, tal qual ocorre atualmente. Desfazendo-se deste ambiente rural, os trabalhadores da área rural se movimentaram em migração interna no município de Campos dos Goytacazes, indo residir no ambiente urbano e alargando o processo de favelização; mas o esvaziamento do ambiente rural não eliminou a cultura ligada a ele.

## *Segunda fase*

A sociedade campista, frente ao volume das apresentações de Boi, passa a absorver a idéia de essa ser uma característica já enraizada e “naturalizada”<sup>6</sup> de certas comunidades, principalmente as periféricas. Passam a surgir as primeiras notícias sobre Bois e as primeiras descrições de seus traços estéticos. O autor afirma que os Bois Pintadinhos foram incorporados ao carnaval na década de 30; o primeiro Boi de que se tem notícia é o Boi Montanha; sobre ele Orávio afirma que: “A criação dos primeiros Bois-Pintadinhos de Campos, o Boi Montanha, da Usina Santo Antônio; e o Boi Teimoso, criação do soldado Domingos Teimoso [...]” (CAMPOS, 2003, p. 81).

Jorge da Paz Almeida compartilha essa informação com Orávio ao constatar, em “Campos, 50 anos de carnaval”, que:

O mais famoso e mais antigo, vinha da Usina Santo Antônio (Bêco), onde Joaquim Almeida (pai de Quincas), Oswaldo Chamorro e outros, com a colaboração de Osvaldinho Miranda, traziam para a cidade<sup>7</sup> o Boi Montanha, de fato uma montanha de foliões que alegravam bastante a cidade. (ALMEIDA, 1992).

O jornal Monitor Campista, desde o final do século XIX, traz notícias sobre o carnaval de Campos dos Goytacazes, mas estas se limitam ao anúncio de aluguel de roupas e fantasias e o calendário dos festejos dos clubes e sociedades carnavalescas, como os clubes, que foram tema de um artigo do jornal A Notícia, em 17 de fevereiro de 1985. Esse artigo, apesar de ser extenso e ocupar duas páginas inteiras do jornal, não cita os Bois-Pintadinhos. Afirma que:

Os prestígios e os desfiles de carruagens começaram em 1857 (já existiam 157 carruagens em Campos). [...] Em 1870 se exibiu pela

<sup>6</sup>Nas Ciências Sociais as posições, sentimentos e ações dos indivíduos são socialmente construídas e não naturais, como se os sujeitos tivessem nascido com elas. Aqui a palavra naturalização de emprega no sentido de não ser mais algo estranho, externo, e ter se tornado comum, característico.

<sup>7</sup>Grifo da autora do presente artigo.

primeira vez a “Sociedade Az de Copas”, que provocou escândalo, porque todos os homens saíram fantasiados de mulher. [...] Em 1870 surgiria o Clube Macarroni, que com o Tenentes de Plutão e mais o Indiano Goytacaz iriam marcar a força do nosso carnaval, em rivalidade acesa e bonita. (A NOTÍCIA, 17 fev. 1985, p. 6).

O Monitor Campista, de 19 de fevereiro de 1901, afirma numa coluna chamada “Na Baila” que “o primeiro carnaval do século XX foi pior que o último do século XIX.” E assim seguem-se os relatos de um carnaval que nasceu nas ruas e para as ruas, mas ainda assim um carnaval para privilegiados, e depois se fixa mais dentro dos salões, com bailes promovidos pelas Sociedades acima citadas. A primeira notícia encontrada sobre Boi Pintadinho é do Monitor Campista, de 3 de fevereiro de 1942, em que o autor da notícia afirma que quer ver o Boi Vira-mundo nas ruas; leva-se em conta certo saudosismo em suas palavras:

[...] se também o boi Vira-mundo vae fazer feio, ficando no pasto em que viveu durante todo o ano. Os seus componentes eram, até ano passado, um pessoal todo certo. Não eram gente pra desanimar não<sup>8</sup>. Entretanto, este ano, não estamos vendo nada. Queremos ver na rua o “Boi Vira-mundo, que é na verdade um boi de juiso, por isso que só no carnaval dá cabeçadas, ao passo que muitos cidadãos há por ai tidos como sensatos que nunca fizeram outra cousa na vida. (MONITOR CAMPISTA, 19 fev. 1901, p. 2).

Em 8 de fevereiro de 1953, anunciam-se os preparativos para o carnaval e, dentre eles, o dos Bois, mas sem especificar nenhum. Anuncia-se, na edição do dia 18 de fevereiro deste mesmo ano, a estréia do Boi Vitamina. No ano de 1954, na edição de 10 de fevereiro anuncia-se a saída do Boi Vassoura; em 1955, na edição de 10 de fevereiro cita-se o Boi Comércio, que novamente é citado em 1956. Essas notícias não recebem mais que três linhas e se limitam a avisar aos leitores que os bois sairão no domingo de manhã, que são os dias e horários tradicionais de suas saídas, mas não avisam sobre os lugares em que os Bois estarão. A edição do dia 2 de fevereiro de 1959, do Monitor Campista, cita o Boi da Cara Preta, de Zé Caramba; já a edição de 4 de fevereiro do mesmo ano, traz uma novidade nas notícias encontradas até o momento. O autor, apelidado Lord Timbuca, escreve em um artigo denominado “Por onde andam os pintadinhos...”

Embora não sejamos da “velha guarda”, temos recordação dos carnavais de uma década, quando, em desfiles domingueiros os bois pintadinhos davam um colorido diferente aos festejos

<sup>8</sup>Grifo da autora do presente artigo.

momenscos da época, apresentando ao público (também infantil) números de grande atração, com os homens trajando vestimenta típica, ao som de um ritmo devidamente coordenado, onde os sanfoneiros, sempre em número elevado, sabiam conquistar a simpatia do público. E hoje?... Hoje, apesar da boa vontade de alguns elementos, o certo é que, infelizmente, não se nota o mesmo interesse dos outros tempos. Não seria bom que, desta vez, tivéssemos um “boi pintadinho”, em esplendorosa forma a desfilar pelas ruas da cidade? Vamos guardar, pois na expectativa de que talvez exista algum boi “gordinho” em algum ponto da cidade, esperando tão somente o momento exato, para se “espalhar” pelas ruas... (MONITOR CAMPISTA, 4 fev. de 1959, p. 7).

Seguem as edições, e apesar da falta que o autor sente dos Bois Pintadinhos não se noticia a saída de nenhum no ano de 1959 e nem no ano de 1960. Em 1961, na edição de 1º de fevereiro, há outro artigo lamentando o sumiço dos Bois Pintadinhos, intitulado “E o boi pintadinho?”. Sem autoria, o autor afirma:

Francamente amigos, não temos tido ultimamente, a satisfação de aplaudir um “Boi Pintadinho” capaz de nos fazer esquecer dos célebres que apareceram em outras (e recentes) épocas... Há coisa de, aproximadamente, meia dúzia de anos sentia-se a maneira entusiástica dos foliões em preparar e fazer sair para às ruas de Campos o verdadeiro e inconfundível “Boi Pintadinho”. A sua confecção, com flagrante semelhança com os ditos de carne e osso era evidentemente detalhe de importância. Hoje não.

Em sua maioria preparados às pressas, deixam muito a desejar no que tange ao acabamento, o “Boi Pintadinho” dos dias atuais somente prejudicam o carnaval. É lamentável. Mas, amigos, aqui vai o nosso apelo em nome do folião campista: que os veteranos no assunto voltem a trabalhar em prol do Carnaval campista. Que voltem, como dantes, os famosos “bois” que tanto sucesso fizeram... Em matéria de Carnaval, quando falta “Boi Pintadinho” de fato, falta uma das coisas mais autênticas do carnaval<sup>9</sup>. (MONITOR CAMPISTA, 01 fev. 1961, p.5).

A edição do Monitor Campista de 6 de fevereiro de 1964 afirma que:

<sup>9</sup>Grifo da autora do presente artigo.

Os grupos que vão predominar neste carnaval são os “Bois Pintadinhos” formados por trabalhadores de usinas e clubes recreativos, enchendo as ruas de uma tradição carnavalesca que já estava desaparecendo. (Monitor Campista, de 06 de fevereiro de 1964, p. 2).

A primeira notícia que temos mostra o desinteresse e desprezo de parte da população de Campos dos Goytacazes para com essas manifestações e temos um período em que não se noticia sobre elas, podendo ser visto como a ausência desse tipo de manifestação. Não interessa o conhecimento dessas manifestações; basta saber do carnaval luxuoso dos bailes e salões. Mas esse período é de ausência ou existência fora dos olhares da população central e letrada de Campos dos Goytacazes? Essa é a opção mais plausível, sendo possível ser comprovada pelos artigos anteriormente citados. Mas esses dois textos, um publicado em 1959 e o outro em 1961, trazem a mesma temática: a falta que os Bois estão fazendo no carnaval de Campos dos Goytacazes. Ambos localizam uma espécie de auge dessas manifestações na mesma época; o primeiro, de 1959, afirma que “Embora não sejamos da “velha guarda”, temos recordação dos carnavais de uma década, quando, em desfiles domingueiros, os Bois Pintadinhos davam um colorido diferente aos festejos momescos da época, [...]” e o segundo, de 1961 “Há coisa de, aproximadamente, meia dúzia de anos sentia-se a maneira entusiástica dos foliões em preparar e fazer sair para as ruas de Campos dos Goytacazes o verdadeiro e inconfundível “Boi Pintadinho”. Comparando as datas, o primeiro artigo se volta para 1949 e o segundo para 1955, mas sabemos que “de uma década” e “meia dúzia de anos” podem ser levados em conta de uma forma mais flexível, como uma expressão para demarcar uma temporalidade e nem tanto uma data exata. De qualquer forma, ambas se referem a uma data que se estende aos anos de 1940. O que vai ao encontro do que Orávio afirmou sobre a incorporação do Boi Pintadinho ao carnaval na década de 30 e também à queda das usinas e a movimentação das populações residentes no ambiente rural; se o primeiro Boi a ser conhecido foi o da Usina Santo Antônio, em 1930, nas décadas que seguiram ao imediato pós guerra, como afirma Orávio, as usinas assistiram a um período de queda de produção, o que se agravou com a Ditadura Militar e o fim do ‘milagre econômico’. Essa conjuntura se justifica nas palavras dos autores dos artigos, que sentem a falta desses bois, que eram trazidos para as cidades, como afirmou Jorge da Paz Almeida. O segundo artigo é mais detalhado, ao levar em conta a falta que faz a sua estética, fruto de admiração por fazer com que esse boi fantasia se torne semelhante aos “de carne e osso”; já os de sua época são feitos às pressas, com descuido em sua aparência; o que para o autor descaracteriza as festas ao “prejudicar o carnaval”; esse prejuízo é facilmente entendido como um prejuízo estético; há a falta de identificação, as manifestações da época do autor não são como as antigas...

Importa notar a atenção para a estética e sua mudança/falta e o sentido de tradição que desponta: “Em matéria de Carnaval, quando falta “Boi Pintadinho” de

fato, falta uma das coisas mais autênticas do carnaval”; o reconhecimento que os bois são uma forma autêntica do carnaval de Campos dos Goytacazes e seu discurso são fatos que hoje se encontram presentes na opinião dos que defendem os Bois. Rubens Rangel, presidente da Associação Folclórica do Norte Fluminense, mais conhecido como Rubinho da Maçã, afirma em entrevista ao jornal Folha da Manhã, na edição de 22 de fevereiro de 1998 que:

Depois do carnaval, vamos reunir o pessoal ainda com o sangue quente e começar a preparar a fanfarra para o meio do ano. O que vai valer a volta do boi folclórico, tradição, com chitão. Vamos ver que o boi não perdeu a tradição. (FOLHA DA MANHÃ. Especial de carnaval, p. 3.)

Na edição de 25 de fevereiro de 2004, do jornal A Notícia, Rubinho reitera essa postura

[...] “Isso é tradição que passa de geração para geração, um boi pintadinho é como se fosse um patrimônio deixado pelo pai para o filho, por isso nunca vai acabar.” [...] “os bois são a maior expressão cultural do município” [...] “Eu não tenho dúvida de que os bois pintadinhos é que contam a história do carnaval de Campos dos Goytacazes.” (A NOTÍCIA, Geral, p. 6).

Anthony Giddens em “O mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós” discorre em um dos capítulos sobre o que é tradição e seu sentido. Afirma o autor que:

As tradições são sempre propriedades de grupos, comunidades ou coletividades. Indivíduos podem seguir tradições ou costumes, mas as tradições não são uma característica do comportamento individual do modo como os hábitos o são. O que a tradição tem de distintivo é que ela define um tipo de verdade. Uma pessoa que segue uma prática tradicional não cogita de alternativas. Por mais que a tradição possa mudar, ela fornece uma estrutura para a ação que pode permanecer em grande parte não questionada. (GIDDENS, 2005, p. 50).

Ainda:

A tradição, digamos assim, é a cola que une as ordens sociais pré-modernas. A tradição envolve, de alguma forma, controle do tempo. Em outras palavras, a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência para o presente. (GIDDENS, 2005. p. 51).

A postura do autor vem ao encontro do fato de que, enquanto se tinha um volume e qualidade nas manifestações do Boi, a população se acostumava paulatinamente com ela e passou a vê-la como parte integrante da sociedade campista, enquadrando-a como tradição genuína. Quando diminuem esse volume e qualidade, há um vazio que não é preenchido por nenhuma outra forma cultural e, como firmou o autor, apela-se ao tempo passado como justificador desse vazio. A temporalidade age de forma determinante, pois conjuga os elementos de passado, presente e futuro; o passado é o lugar de nascimento das tradições, o presente é a prova disso com suas manifestações e almeja-se que assim continue sendo no futuro, que se mostra como a continuidade de uma linha de identificação da comunidade. O valor de algo que se denomine tradicional só é dado na sua falta e é isso que ocorre nas décadas de 1950/60, quando se publicam os artigos.

A mudança estética, que agora é tida como desleixada, é vista como parte faltosa desta tradição. Não encontrei nenhuma imagem desta época; os elementos de montagem dos Bois são os mais simples, a contar que eram feitos por comunidades, primeiramente de um ambiente rural e, posteriormente, nas periferias da cidade de Campos dos Goytacazes. Ficam por conta de armação de bambu, chitão e fitas para o enfeite, como afirmou Rubinho da Maça anteriormente, quando disse que “O que vai valer a volta do boi folclórico, tradição, com chitão.” As imagens que mais se aproximam desse Boi existente na memória das pessoas, confeccionado com materiais simples e envolvidos pela comunidade são as encontradas no livro de Jorge da Paz Almeida que identifica ser o Boi Capeta, fundado no ano de 1970, mas a imagem está sem ano de registro, e o Boi Peteca, que é montado pela Associação Monsenhor Severino desde 1980. Imagem retirada do jornal Monitor Campista, na edição de 2 de fevereiro de 2002. Mas as tradições não são estáticas e existentes sobre uma forma que não se altera pelas condições de tempo e espaço. Giddens firma ainda que “As tradições evoluem ao longo do tempo, mas podem também ser alteradas ou transformadas de maneira bastante repentina. Se posso me expressar assim, elas são inventadas e reinventadas. (GIDDENS, 2005. p. 55)”.



**Figura 1: Boi Capeta**  
Fonte: nenhuma referência.



**Figura 2: Boi Peteca**  
Fonte: Sérgio Machado.

Essa alteração ocorreu em Campos dos Goytacazes com os Bois Pintadinhos, que passaram a ser chamados de Boi de Samba ou apenas Boi Samba. Essa descaracterização do Boi tradicional acabou por realinhar e reordenar, social e esteticamente, essa manifestação ao dividir opiniões; uns afirmam que esse é um boi moderno, que vive em novos tempos e outros, que nada mais é que uma cópia das escolas de samba. As opiniões sobre ele não foram e nem vão ser consensuais tão cedo, pois sua transformação é recente e, por isso, ainda está nas rodas de debates carnavalescos.

### *Terceira fase*

Os desfiles de Bois no carnaval campista são pontos de grande alegria e popularidade, e as comunidades desfilam ou assistem apaixonadas ao desfile de seus Bois; quando esses estão na avenida é a própria comunidade que está se colocando de destaque, expondo seus pontos positivos, seu trabalho e sua beleza. A vitória do Boi é a vitória da própria comunidade.

Mas há outros discursos que, apesar de não negarem este, afirmam que o Boi verdadeiro, da comunidade, era o montado por ela, escolhendo seus trajes e saindo pelas ruas do bairro nas manhãs de domingo e principalmente no carnaval, e não o Boi delegado a uma comissão que cuida de sua apresentação, como identifica Jorge da Paz Almeida:

Eram simples complementos que alegravam a cidade nas manhãs de domingo, as horas e dias de carnaval que muito bem entendessem. [...] Naqueles tempos quando os bois eram oriundos da espontaneidade sem qualquer pensamento de disputa, às vezes, até se encontravam e se fundiam em um só grupo de foliões, iam em frente formando uma dupla. (ALMEIDA, 1992).

Orávio identifica o Boi de Samba na saída do Boi Pintadinho da zona rural para a cidade. Afirma que:

Como uma manifestação natural da zona rural, com o êxodo, também os bois se alojaram na periferia da cidade, onde, no decorrer dos anos, perderam a autenticidade da batida parecida com a do bumba-meu-boi maranhense e esta transformação deixa a imaginar que os grupamentos passaram a adquirir outros elementos lúdicos naturais das aglomerações sociais mais distantes. Dessa forma, os bois encontram, no sentido de sua formação, o ritmo das batucadas originárias das áreas urbanas e criam uma nova categoria, a do boi de samba, mantendo as mesmas características do tradicional pintadinho, mas com o ritmo dos tambores e tamborins dos blocos e escolas de samba. (CAMPOS, 2003, p. 80).

A identificação da mudança e do início do Boi de Samba não é tão simples assim; há uma conjunção de fatores que contribuem para essa nova estética. Um deles, e de grande valor, é que diferente dos bois de outras regiões, o boi de Campos dos Goytacazes é característico apenas do carnaval. A autora Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti afirma, sobre a época das festividades, que:

Sua inserção no calendário festivo anual do catolicismo popular é também diferenciada. No Norte do país, o folguedo acontece no ciclo junino; no Nordeste, ele encontra abrigo no ciclo natalino. No Sudeste, especialmente no Rio de Janeiro, ele ocorre muitas vezes durante o carnaval. Vale notar a presença do folguedo nos três ciclos festivos mais importantes do país. (CAVALCANTI, 2000, p. 6).

No site da cidade da capital Pernambucana, Recife<sup>10</sup>, há um texto que chama atenção para a presença do Boi no seu Natal.

Os festejos natalinos encerram-se no dia 6 de janeiro, Dia de Reis, com a queima da Lapinha, marcando o início do Ciclo Carnavalesco. Em Pernambuco, como em todo o Nordeste, as celebrações natalinas encontram um ambiente muito próprio às expressões culturais do nosso povo. É momento de trocar, reforçar os laços de fraternidade; tempo de brincar no Bumba-meu-boi, no Cavalo-marinho.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.recife.pe.gov.br>>. Acesso em 13 abr. 2008.

Sobre sua presença no carnaval: “a brincadeira aparece no carnaval como uma forma derivada do Auto de Natal que representa a morte e ressurreição do Boi”.

No estado de Pernambuco e em outras regiões, portanto, essa manifestação cultural se manteve ligada à tradição ibérica católica, associando-se às datas religiosas e só depois se apresentou para o carnaval, como uma comemoração mais carnavalesca que de fundo religioso propriamente dito. Em Campos dos Goytacazes não assistimos a esse fato: os Bois não nasceram atrelados às festas religiosas; não há relatos escritos e nem orais que os localize nas datas católicas. Como já citado, eram característicos das manhãs de domingo, principalmente no carnaval. Esse afastamento das datas religiosas submete, mais que em outras regiões do país, essas festividades a uma estética carnavalesca, espetaculosa, do divertimento sem referências religiosas. Mas se não há religiosidade, há o sentido político, de ser o Boi um instrumento que o povo usa para chamar a atenção das autoridades para seus problemas. O autor campista, Artur Gomes, em seu livro “O Boi Pintadinho” relata a montagem desse boi, feito por ele e “estudantes, operários, advogados. Povo.”, que foi encenado no Teatro do SESC e no Teatro de Bolso durante alguns meses do ano de 1980. O autor afirma que, no dia 4 de outubro de 1980 o boi passou pelo Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes, “sendo recebido pelos feirantes com uma verdadeira “chuva de laranjas”, atitude que comprova o interesse do capitalista na não conscientização do povo” (contracapa). Em autos e poesias deste livro, Artur Gomes descreve o papel desse Boi Pintadinho, que para ele ainda não é Boi de Samba, e o liga ao homem; para o autor, o sofrimento do boi e do homem são os mesmos. Essa postura do autor retoma a ligação do Boi com o escravo feita por Gilberto Freire, descrita anteriormente. Para Artur Gomes:

Tem boi com fome, tem boi com fome. Tem boi com fome. Homem é boi, boi é homem. Homem é boi, boi é homem. Homem é boi, boi é homem. Tem boi com fome, tem boi com fome, tem boi com fome. Homem é boi, boi é homem. (GOMES, p. 9)<sup>11</sup>.

O homem é Boi, o Boi é homem. O Boi é uma manifestação popular ligada aos escravos e seus descendentes, primeiramente localizados na zona rural, e posteriormente, na zona urbana da cidade e se mostra para a sociedade campista no carnaval. O primeiro Boi Pintadinho é localizado na década de 30, mas segundo Jorge da Paz Almeida, a década de 80 assiste ao nascimento de vários outros bois;

[...] em 1979 nasceu [...] o famoso Boi Jaguar. [...] O Parque São Mateus está presente com o Boi Travolta, fundado em 1º de maio de 1995 [...]. Em 1979 no IPS nasceu o Boi Chicão. [...] Em

<sup>11</sup>Este livro não apresenta data em que foi editado.

1982, Penha também trouxe o Boi Chamego. [...] Coordenado por Amaro Martins. Em fevereiro de 1988 nasceu o Boi Fumaça [...] Nas proximidades do Bloco União Feliz, no Parque Rosário, Vadinho Firmino (Tio Bau) e vários amigos fundaram o Boi K – Vaca [...] (ALMEIDA, 1992).

Se estes já nascem Bois de Samba é difícil de afirmar, mas é na década de 80 que essa estética se cria, época que, segundo Jorge da Paz Almeida, o Boi Pintadinho veio para ficar definitivamente no carnaval; já não há a ênfase no Boi presente nos bairros, espontâneo. Agora é o Boi que desfila na avenida que manda. Na década de 90, ele se firma de vez, com a criação em 1992 da Fundação Folclórica do Norte Fluminense, incumbida de organizar os desfiles, capitanear e distribuir as verbas. Como já afirmado, é difícil estabelecer uma data e um motivo para essa mudança. Uma reportagem do jornal Folha da Manhã, de 1º de março de 1981, sobre o carnaval, informa sobre o desfile dos blocos e Bois, que abriram o carnaval. O fato de o Boi-Formoso ter desfilado com um abre-alas faz com que esta alegoria seja ainda estranha nesse tipo de desfile. “Como festa valeu a participação de inúmeros bois-pintadinhos, entre outros o “Boi-Formoso”, que desfilou até com abre alas”<sup>12</sup>.

O jornal A Notícia, na edição de 9 de fevereiro de 1986, já vê o Boi de Samba como uma nova estética:

Como sempre acontece no domingo de carnaval em Campos, a parte da manhã é reservada à criatividade e irreverência dos bois pintadinhos, que fugindo as tradições do folclore nacional, começam a ter uma característica própria, apresentando cada um seu samba, que aproxima-se mais dos enredos de escolas e blocos do que do tradicional bumba meu boi, que figura como uma das partes mais bonitas do folclore nacional. Com isso os bois pintadinhos que entram na avenida são chamados bois de samba. (A NOTÍCIA, p. 6) <sup>13</sup>.

A mudança, então, já é consistente e agora o Boi que desfila não é mais o Pintadinho e sim o de Samba. Ponto positivo para muitos, que compõem os sambas-enredos e preparam seus Bois para a vitória, mas foco de crítica para muitos outros, que veem nessa nova estética a descaracterização do que realmente é a manifestação. A Revista Campos de Cultura, nº 3, abril/maio de 1992 lamenta. Em artigo, sem autoria, intitulado “Boi de Samba: Uma chifrada na tradição” afirma que as manifestações populares têm passado por transformações que fizeram com que algumas delas desaparecessem; o que não ocorreu com o Boi, que, por sua vez, se modificou e cita

<sup>12</sup>Grifo da autora do presente artigo.

<sup>13</sup>Essa matéria não apresenta a sessão em que foi publicada.

como motivo dessa modificação a infiltração dos sambistas junto aos grupamentos de Bois. Modificação que altera em muito sua estética.

O Boi Pintadinho [...]. Embora ainda sobreviva, sofreu considerável modificação, tornando-se irreconhecível para os que os viram em épocas passadas, quando era apenas simples expressão de alegria carnavalesca, despojada de adornos, mas rico de motivações folclóricas.

Muitas são as razões que provocaram as mudanças ora observadas. Tantas, que o Boi Pintadinho foi rebatizado para Boi de Samba. O fator principal foi a crescente infiltração dos sambistas das Escolas de Samba da cidade junto aos agrupamentos da antiga categoria, que nela encontram mais derivativo para seu entusiasmo de foliões. Isso decorreu da oficialização dos desfiles dos Bois por parte do Governo Municipal, a pedido da Associação Folclórica de Campos, na década de 70. Desde então, os Bois Pintadinhos passaram a ter local para se apresentarem, horários, concursos e regulamentos.

A competitividade para um seguimento carnavalesco que não vivia preso a nenhuma injunção, que era livre para percorrer as ruas da cidade sem qualquer itinerário carceador, foi forçando os dirigentes dos Bois Pintadinhos a dotá-los de maiores atrativos. As roupas de chita dos figurantes passaram a ter ornamentos sofisticados e, logo depois, já eram de cetim, com paetês, vidrilhos, lantejoulas<sup>14</sup>. (BOI..., 1992, p4).

Mas essa manifestação não sofreu alteração apenas em Campos dos Goytacazes. No Norte e Nordeste do país também se assistiu a uma nova forma de apresentação e a uma nova estética. O *site*<sup>15</sup> da prefeitura da cidade de Natal reclama certa desconfiguração e desimportância:

Muito comuns por todos os municípios nos séculos XIX e XX, atualmente estas formas de expressão estão cada vez mais difíceis de encontrar, reservando-se a espetáculos folclóricos e eventos comemorativos. Muito dessa extinção deve-se ao “progresso” e ao advento das grandes cidades. A televisão e o cinema têm ocupado cada vez mais espaço na formação cultural da população, e as danças típicas perdem espaço para as mais modernas.

<sup>14</sup>Grifos da autora do presente artigo.

<sup>15</sup>Disponível em: <<http://www.natal.rn.gov.br>>. Acesso em 15 set. 2008.

Já em Parintins, no ano de 1988, foi construído o Bumbódromo, espaço reservado ao espetáculo dos Bois Caprichoso e Garantido que acontece nas últimas três noites do mês de junho. Mas esse Boi do Bumbódromo não é o Boi que saía nas ruas nas datas religiosas; ele também se transformou. Afirma Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti:

No começo da década de 1980 [...]: o Boi tornou-se uma organização, administrado por uma diretoria. Na década de 1990, outra transformação importante nos traz ao estado atual do folguedo: a crescente ênfase nos componentes indígenas da trama. [...] Em 1995, foi criado um novo quesito, o ritual, cuja encenação estrelada pelo Pajé é atualmente o apogeu de cada noite da apresentação. (CAVALCANTI, 200, p. 22).

Acrescentando novos elementos locais e se desfazendo de outros, as festividades se reinventam a todo o momento, se recriam, sendo aplaudidas pela capacidade de adaptabilidade e de renovação através do tempo e também são criticadas pela perda de originalidade, perda da tradição que a criou e pela comercialização; as justificativas para a sua existência e sua motivação passam a ser o espírito de competição e a vontade de ganhar o título. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti descreve ainda que os símbolos dos Bois Caprichoso e Garantido “tornaram-se logotipos com registro no Instituto de Marcas e Patentes”. (22, § 2). O que diferencia Campos dos Goytacazes nesse cenário é o fato de essa ser a única manifestação em que o Boi tornou-se uma escola de samba, com bateria, alas, samba-enredo, alegorias, comissão de frente e julgados como tal. Não se acrescentaram somente novas características ao Boi que desfila na avenida, mas mudou-se a forma e o conteúdo. O paradoxo é que com uma liberdade maior de criação, os Bois acabam se parecendo muito, pois os carnavalescos usam, praticamente, os mesmos materiais. As imagens foram retiradas no jornal Folha da Manhã, na edição de 6 de fevereiro de 2008<sup>16</sup> e, a não ser pelos nomes, pode-se facilmente confundir os Bois.



**Figura 3: Boi Beira Rio**



**Figura 4: Boi Dourado**

<sup>16</sup> Todas as imagens são da autoria de Rodrigo Silveira e Silésio Corrêa.



Figura 5: Boi Chamego



Figura 6: Boi Pimenta

## Conclusão

No livro “A identidade cultural na pós – modernidade” Stuart Hall lista três concepções de identidade, partindo de três tipos de sujeitos, que são o sujeito do Iluminismo, o sociológico e o pós – moderno. Prendo-me aqui ao sujeito sociológico, em que a concepção de identidade baseada nele “preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público” (p. 11, § 2). Há um movimento contínuo em que o sujeito projeta sua subjetividade nos elementos externos de sua cultura – o *habitus*. Outros autores, como Norbert Elias e Durkheim, mas em Bourdieu ele é [...] “um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural – mas sim o de um agente em ação [...] (BOURDIEU, 1989, p. 61), como diria Bourdieu, e ao mesmo tempo internalizamos esses traços mais gerais e objetivos. “A identidade, então, ‘costura’ (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura.”(p.12, §1). Numa perspectiva da fragmentação, o sujeito não está mais ligado a uma única estrutura ou a uma única identidade; ele está ligado, e se ligando cada vez mais, a várias identidades.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às fórmulas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 1987). É definida historicamente e não biologicamente. [...] Ao invés disso, à medida e que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2007. p. 13).

O autor identifica a modernidade como lugar da constante mudança, da transformação, da invenção e reinvenção. Há, portanto, a ampliação do sentido de *habitus* de Bourdieu. As culturas não precisam mais se identificar com seus elementos externos e objetivos como se fossem fixos; há a possibilidade de ampliação do seu repertório de símbolos, que são, paulatinamente, substituídos por outros julgados mais adequados, mais bonitos, melhores do que os que se abandonam. Continua-se o movimento de exteriorização e interiorização, mas os elementos disponíveis para esse movimento são cada vez mais numerosos. No Boi de Samba, descaracterização e reconfiguração se misturam, dividindo os discursos e opiniões em saudosismo e tradição e em inovação e modernidade; em pontos negativos para os que são saudosistas e em positivos para os que acreditam que o Boi apenas se adaptou aos novos tempos, mas não morreu. Há, porém, a ênfase no Boi de Samba para os desfiles de carnaval, mas existem comunidades e lugares em que são montados Bois da forma tradicional; a coexistência dos Bois não é igualitária; o Boi de Samba é o que retém a hegemonia, mas o Boi Pintadinho ainda existe em comunidades e ruas que não se encontram filiadas à Associação Folclórica do Norte Fluminense.

A mudança de estética, a não ser que se descubra ou se invente uma figura criadora do Boi de Samba, pode ser justificada frente à “afinidade eletiva”<sup>17</sup> entre os fatos de essas festividades em Campos dos Goytacazes serem características no carnaval e não de outras datas religiosas, como o Natal e as festas dos santos juninos, o que faz com que sua estética seja diretamente ligada a essa festa; a saída dessas manifestações do ambiente rural para o urbano, o que as deixa menos isoladas e mais expostas; a organização por parte da Prefeitura, com distribuição de verbas e prêmios; a influência, nos Bois, dos carnavalescos, que são profissionais e artistas especializados em organizar e apresentar bem um tema para o público; o crescimento no número de pessoas interessadas em desfilar, o que deu uma corporificação aos Bois e o sucesso dos mesmos, que ao adquirirem destaque têm a adesão pública e o reconhecimento desta festa como característica da identidade campista. Se antes Campos dos Goytacazes era famosa por ter o Boi Pintadinho, parecido com o Bumba meu Boi maranhense, agora a cidade é o único lugar do país em que existe o Boi de Samba, que ao mesmo tempo em que não é o Boi tradicional e nem uma escola de samba, é Boi e também é samba. Criação e exclusividade campista. Identidade e estética únicas.

---

<sup>17</sup>Apesar de ser um termo usado por vários cientistas, aqui vale a utilização do termo por Max Weber na obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo” que nesta se aplica aos valores religiosos calvinistas ao desenvolvimento do capitalismo, numa relação que se estabelece entre fatos/acometimentos sociais ou culturais, sem que um tenha determinação sobre o outro.

## Referências

- ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de. GOMES, Flávio. A igualdade que não veio. *In: Revista História Viva*. A história está acontecendo agora, n 55, maio 2008. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/a\\_igualdade\\_que\\_nao\\_veio.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/a_igualdade_que_nao_veio.html)>. Acesso em: 15 out. 2008.
- ALMEIDA, Jorge da Paz. *Campos: 50 anos de carnaval*. Campos dos Goytacazes, RJ: Escola de Artes Gráficas Lar Cristão, 1992.
- BARTHES, Roland. *A câmera clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BHABHA, Hommi. *O Local da cultura*. Rio de Janeiro: Editora UFMG, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRUSANTIN, Beatriz. Viva o Boi: análise comparada das manifestações culturais dos trabalhadores catarinenses e pernambucanos no século XIX e início dos XX. *In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL*, 3., 2007.
- CAMPOS, Orávio de. *Muata Calombo consciência e destruição*. Campos dos Goytacazes, RJ: Editora Fafic, 2003.
- CARDOSO, Albelita. *Vocabulário do Bumba-Meu-Boi do Maranhão: abordagem lexicográfica e terminológica*. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, 1995.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa*. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 2000.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GIDDENS, Anthony. *O mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.
- RANGEL JUNIOR, Vicente Marins. *Recortes da memória musical de Campos (1839-1965): Subsídios musicais para a construção de uma História da cultura campista*. Dissertação (Mestrado) - Centro de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão do Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, 1992.
- KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. *Art Cultura*, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan./jun. 2006.
- LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e o brejo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lidor, 1974.
- NUNES, Ylana Carolina Marquez. *Trabalho e educação em Uberabinha: construção de uma ordem social*. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/>>

portugues/sitesanais/anas8/artigos/YlanaCarolinaMarquezNunes.pdf>. Acesso em: 25 set. 2008.

### ***Hemerografia***

BOI de Samba: uma chifrada na tradição. *Revista Campos de cultura*, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, p. 4, abr./maio 1992.

BOIS e blocos desfilam hoje na avenida. *A Notícia*, Campos dos Goytacazes, RJ, p. 2, 9 fev. 1986.

E O BOI boi pintadinho? *Monitor Campista*, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, p. 5, 1 fev. 1961.

LORD, Timbuca. Por onde andam os pintadinhos. *Monitor Campista*, Campos dos Goytacazes, RJ, p. 7, 4 fev. 1959.

MAYRINK, Michele. Aberta a porteira na avenida do samba. *Folha da Manhã*, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, 21 fev. 1998. Folha 2. Capa.

MONITOR Campista, Campos dos Goytacazes, RJ, p. 4, 6 fev. 1964.

RODRIGUES, Hervé Salgado. O carnaval campista do “Entrudo” à Escola de Samba. *A Notícia*, Campos dos Goytacazes, RJ, p. 6, 17 fev. 1985.

TRADIÇÃO mantida pelos bois. *O Diário*, Campos dos Goytacazes, RJ, p. 6, 25 fev. 2004.

UMA GRANDE farra dos bois na avenida. *Folha da Manhã*, Campos dos Goytacazes, RJ, p. 3, 25 fev. 1998. Especial de carnaval.

*Artigo recebido em: 07 mar 2009*

*Aceito em: 17 jul 2009*